



Criar um Brasil ou ser criado por ele: leituras do país sob a perspectiva de António Vieira em *A Eternidade e o desejo*, de Inês Pedrosa

To Create a Brazil or to be created by it: readings of the country from the perspective of António Vieira in Inês Pedrosa's A Eternidade e o desejo

Marcelo Franz¹

orcid.org/0000-0001-7742-2859
mfranz4390@gmail.com

Recebido em: 13/1/2020.

Aprovado em: 1/4/2020.

Publicado em: 30/10/2020.

Resumo: Ao narrar uma viagem, *A Eternidade e o desejo* (2008), de Inês Pedrosa, faz-se do discurso intimista e da imersão da protagonista Clara em sua memória pessoal, afetada pela releitura de sermões de António Vieira. Analisaremos o diálogo do texto com elementos formais de romances de ambiente e de narrativas de viagem e como esses formatos são problematizados no romance, ligando-se à discussão sobre o Brasil, território físico, cultural e afetivo "decifrado" pela viagem descrita.

Palavras-chave: Memória. Leitura. Viagem.

Abstract: Narrating a travel, Inês Pedrosa's *A Eternidade e o desejo* (2008), is the intimate discourse and immersion of the protagonist Clara in her personal memory, affected by the retelling of sermons by António Vieira. We will analyze the dialogue of the text with formal elements of environmental novels and travel narratives and how these formats are problematized in the novel, linking to the discussion about Brazil, physical, cultural and affective territory "deciphered" by the described journey.

Keywords: Memory. Reading. Travel.

Introdução

No romance *A Eternidade e o desejo* (2008), de Inês Pedrosa, a protagonista e narradora Clara vive, no presente (situado no começo do século XXI), o embate com uma realidade de deficiência que, paradoxalmente, é o fator de uma possível ampliação de suas potencialidades e entendimentos, sendo a memória, tanto a do que é lido como do que é vivido, uma importante aliada nesse sentido.

O enredo centra-se no relato de um trajeto percorrido em palavras lidas e em espaços (re)visitados. Mas em qualquer das direções desse périplo – que é ao mesmo tempo exterior e interior, físico e sentimental – destaca-se como motivação das ações a experiência de rememoração assumida por Clara, uma professora universitária portuguesa que, em um passado recente, em uma viagem ao Brasil, perdeu ao mesmo tempo a visão e um amor. Pode-se entender a sua viagem de retorno ao país, fato principal do enredo, como uma experiência de ritualização memorialística do que lhe ocorreu anos antes. Mas, no plano do intimismo encampado pelo texto, além da perambulação feita "às escuras", tendo como companhia o amigo Sebastião, a busca da narradora se concentra em duas tomadas de atitude que dão ao livro um encaminhamento filosófico que



¹ Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Curitiba, PR, Brasil.

o afasta do realismo e o coloca na rota do poético: Clara, não mais podendo ver, busca uma "luz" no que lê (ou na memória do lido antes), fazendo da literatura – ou da palavra – seus olhos substitutos.

Concretamente, o retorno ao Brasil segue um roteiro definido pela escolha feita por ela no início do livro e que tem uma conotação especial em vista de seu projeto memorialístico ritualizado e de suas buscas existenciais do presente. Com Sebastião, Clara empreende, mesmo sem ver – ou, ao menos, sem fazer uso dos olhos para ver, abrindo-se a outras possibilidades de captação da realidade – uma viagem com um grupo de turistas que refaz os passos do Padre Antônio Vieira por lugares do Nordeste brasileiro, partindo da Bahia.

A "autoapresentação" de Clara se mostrará dependente das referências às palavras de Vieira. Mas a razão de seu apego à arte vieiriana, com a complexa "realização de sentido" procedida por ela aos textos que cita a todo o momento, tem origem na sua relação com as circunstâncias de sua última experiência de leitura real (antes da cegueira) dos sermões do padre jesuíta. Essa leitura se deu sob o impacto do seu envolvimento com o professor brasileiro Antônio, conhecido em um congresso de estudos sobre Vieira em Coimbra. No pouco que conviveram, além de ele ter representado para ela, pelo que dizia de Vieira, uma possível orientação de leitura, induzindo também a projeção, no seu imaginário, de um Antônio sobre o outro, o brasileiro se tornou para Clara uma obsessão, a ponto de, após o congresso, ela ter decidido – sem avisá-lo – deixar a vida acadêmica em Portugal para ir à sua procura em Salvador, onde se depararia com uma série de "choques de realidade". Mais do que a descoberta de que ele era casado – e possuía também outras admiradoras –, ela passa pela experiência traumática de encontrá-lo em um bar onde estava acompanhado de outra mulher. Nesse momento ela presencia a abordagem violenta de um desconhecido, que queria cobrar alguma questão relativa ao envolvimento de Antônio com a moça que o acompanhava. Antônio levou um tiro e morreu. Clara foi atingida de raspão e teve danos no nervo óptico, ficando cega.

Pode-se dizer que a cegueira é decisiva para o seu narrar, não só por impor, concretamente, os limites de sua ação pelos espaços por onde circula em companhia do amigo Sebastião, mas por proporcionar-lhe a abertura a outras formas de percepção do mundo e de si mesma. O livro investe em uma discussão sobre a força das imagens como formadoras da memória e como a evocação do visto se atualiza para quem não mais vê. Há também uma cogitação – que transita do ensaístico ao poético – sobre a possibilidade de tradução do visto pelo dito, considerando que, em seu estranho passeio às escuras por lugares antes visitados, ela procura se acercar de palavras que lhe "digam" o lugar, e vive nisso a experiência de perceber os limites do verbal em face do seu problema óptico.

O enredo de *A Eternidade e o desejo* associa o lembrar à busca de iluminação, no sentido de definição de caminhos e sentidos, para quem é privado da visão, sendo as palavras, ditas e lidas, as luzes úteis para esse fim. Há no ato memorialístico de Clara a evocação, carregada de ficcionalização, de experiências do passado anterior à cegueira. E há, paralelamente, a evocação de uma memória de leitura, feita da referência constante aos textos do Padre Vieira, sendo a intertextualidade um dos elementos mais complexamente trabalhados no livro.

O romance se articula em torno de um ato narrativo personalizado e confessional, carregado de marcas de certa prosa intimista ou psicológica do século XX. Mas a essa base se somam, por meio do diálogo formal e estilístico, as remissões a variadas formas narrativas, como as narrativas de viagem e o romance de ambiente, além de incorporar doses pontuais de ensaísmo, retórica e poesia. O acento intimista, sem se descaracterizar, abre-se também a uma compreensão complexa do coletivo, do social e do histórico. Será do nosso interesse, a partir desse ponto, observar como a descrição dos lugares no texto que analisamos se abre a uma representação complexa do Brasil a partir das considerações de encantamento e desilusão feitas por Clara.

1 (Re)conhecer o Brasil: e seus sentidos

No plano formal, merece atenção especial o diálogo que se propõe com as formas narrativas tradicionais, também elas visitadas pelo romance. A arquitetura romanesca de *A Eternidade e o desejo*, embora se ancore, o mais das vezes, no discurso intimista e na descrição densa das aventuras interiores da protagonista Clara, também dialoga com mais de uma forma ficcional. É evidente a incorporação de elementos formais de romances de ambiente e de narrativas de viagem e os modos como esses formatos são reprocessados e problematizados no livro de Inês Pedrosa a ponto de se ligarem a ocorrências como a discussão sobre o Brasil, território físico, cultural e afetivo "decifrado" por uma visitante estrangeira a partir de sua leitura de textos de Antônio Vieira.

A rigor, a obra não seria, de modo puro, nem um romance de viagem nem um romance de ambiente, sendo um pouco (ou muito) de cada um dos dois tipos. Para definirmos melhor o modo como isso ocorre na obra precisamos inicialmente observar que a ação se ampara na dicotomia de dois tempos: o atual, correspondente ao momento da narração, sob as injunções contextuais e existenciais do momento em que Clara se põe a narrar, e o rememorado, entendido como o passado recuperado pela matéria narrada. A relação de Clara com o deslocamento e com os espaços percorridos é pontuada pelo modo como vive o presente da narrativa, já que é nessa circunstância que ela assume o embate com uma realidade de limitação física. As conseqüências discursivas de sua deficiência para o que e para o como narra não são pequenas. O que o livro propõe quanto a isso é a reflexão acerca do peso das imagens na composição do memorialístico e a possibilidade, sempre limitada, de as palavras as reportarem, traduzirem, substituírem.

Não há como não se notar a importância – visível nos planos da enunciação e do enunciado – dada ao fato de que, para Clara, o narrar ocorre junto com um deslocamento, que vem a ser a concretização ritualizada do fato que é o centro do seu memorialismo. Ao contar de seu deslocamento de antes, ela o repete em novos

termos. É a reatualização (ou, em certo sentido, a dramatização) do que antes viveu. Sendo acionada com dificuldade, a evocação desse passado é assumida como um problema a equacionar por uma via que é discursiva, mas também de "movimento". O seu contar, sem ser substituído, é complementado pelo que se dá nessa complexa revisitação. Isso talvez não venha só do fato de que "apenas" contar suas vivências passadas lhe seja insuficiente, difícil ou impossível sem o auxílio da viagem que faz. O que determina, na origem, essa ação é que se trata, também, de um acerto de contas com as limitações do seu momento presente. Limitações que foram adquiridas na sua passagem anterior pelo Brasil, e que persistiram como trauma. É ainda uma forma de ela revisitar sensações e nomeá-las de modo novo, sendo, além de tudo – e ao final da viagem – uma espécie de redenção face às experiências de antes, já que novas sensações e novos afetos são vividos.

Mas como fazer isso sem ver? Há na viagem de Clara uma reatualização contrastante e resignificadora da experiência anterior, com a viajante passando pelos lugares de antes, mas "vendo-os" de modo novo, nem sempre feliz. É de seu contato crítico com as formas novas de sentir o ambiente, deixando-se alterar reflexivamente por ele que se enriquece o seu périplo por lugares da Bahia.

A viagem, porém, é acrescida de significados para além da confusa rememoração, às cegas, do seu deslocamento de antes. Agora ela reproduz também o trajeto de Antônio Vieira pelo Brasil. Ela viaja também pelo ato de narrar – vivendo a travessia do encontro com a construção narrativa de sua história pessoal enquanto narra. Sua viagem narrativa, contudo, é ainda mais do que isso na medida em que se opera, nas remissões que faz aos sermões de Vieira, uma travessia pelo universo do literário lido, tomado como fundamental para que, por meio dele, com o recurso ao simbólico, ela se revele (ou se construa) como sujeito em seu ato narrativo.

A cegueira determina que a percepção do espaço ocorra por vias substitutivas. Há de sua parte um interessante jogo sinestésico nos seus

modos de experimentar o lugar. Primeiramente, há o envolvimento físico, o gosto do que, no plano das sensações, o Nordeste brasileiro (especialmente Salvador) suscita à viajante estrangeira. A experiência do lugar é, assim, dependente do tátil, do olfativo, do sonoro e do gustativo. Vê-se algo disso na sequência abaixo, que descreve as sensações de Clara diante da balbúrdia de um mercado para onde o grupo de turistas que ela segue, junto com Sebastião, se dirige:

Referes-me que o mercado é muito colorido. Flutua um cheiro quente a especiarias e tabaco. Rolo de fumo, dizes-me tu. Faz-se com sobras de tabaco e melaço. Era o tabaco que os escravos fumavam, e era também uma das moedas usadas para a compra de escravos [...]. Calor humano, dizes tu. Cor local [...]. Gosto desta sensação de corpos que se acotovelam familiarmente, do bruá das vozes misturadas. Dás-me a provar urna cigarro de rolo de fumo. É forte, saboroso. Compro urna rolo, para fumarmos mais tarde em honra da Bahia. Um cardume de pequenas mãos agarra-me a blusa (PEDROSA, 2008, p. 89).

Mas, para além da força das sensações, se revela para Clara uma dimensão mais complexa da sua experiência do lugar. O seu transcurso pela terra visitada é necessariamente mediado pelo verbal, em dois sentidos: Por um lado, no seu por vezes cordialmente conflituoso diálogo com Sebastião, seu acompanhante na viagem, há, de início, a esperança – logo abandonada – de que, como um Virgílio, ele a conduza, reportando as impressões e imagens do que vê. Suas palavras seriam os olhos substitutivos de Clara. Por outro lado, mais iluminadoras são, para ela, as palavras de António Vieira.

A mediação pelo verbal se dá a ver na constante invocação das palavras do Padre como possível tradução do que é experimentado por ela nos lugares por onde passa, que são os mesmos por onde ele passou em seu tempo. Sua experiência do espaço é, com esse recurso, não apenas sensorial, mas "intelectualizada" pelas reflexões de Vieira. Evidentemente, os textos rememorados por ela não fazem as vezes de apresentação pictórica de paisagens da Bahia, já que Vieira em nada se assemelha a um guia turístico. Sebastião observa a respeito disso:

Segredas-me que não tens assim tantas saudades das paisagens!...]. Confias-me que um dos motivos do teu encanto com os textos de António Vieira é o facto de neles não existir essa sufocação da paisagem – só seres humanos. Sim, querida Clara, os seres humanos mudam menos do que as paisagens – e demoram mais a decifrar (PEDROSA, 2008, p. 54).

De fato, os textos do padre português não são descritivos. Sendo esclarecedores, não são visuais. Lendo-os Clara vive o dilema de, por meio deles, poder ao mesmo tempo ver e não ver, ou ver sem precisar ver. Há nisso, como em tudo o que envolve a sua relação com a arte de Vieira, um jogo de oposições, uma antinomia que quase resulta em uma antítese. Afinal, o diálogo com um típico produto do período Barroco levaria a isso (e haveria de resultar, como veremos, em uma construção discursiva que traduzisse tal impasse). De todo modo, apesar da (ou devido à) ausência de imagens, a forma como o verbo vieiriano é invocado se constitui como complexa compensação das limitações dos olhos/palavras, tanto os de seu guia Sebastião como os dela mesma.

E o que contém as palavras de Vieira, evocadas por ela, para lhe desenharem o lugar por onde agora passa? Para Clara as palavras do jesuíta lhe traduzem antes de tudo o espírito encarnado por ele do apaixonado desbravador desse espaço e que, em uma época de obscurantismo (e cegueira generalizada) o teria "iluminado" com a força de sua reflexão conceptista. A relação algo passional de Vieira com o Brasil, mencionada pela narradora e citada em trechos de sermões, a leva a acionar uma confusa e contraditória paixão pelo país a ponto de ela se dar, a partir do que lhe sugere o olhar do autor, a um pensar sobre o Brasil decifrando-o em sua suposta "identidade".

É preciso salientar que a transição das reflexões do próprio Vieira para as de Clara não ocorre sem sobressaltos. O Brasil "pensado" por Vieira nas páginas em que refletiu sobre o país é o dos primeiros séculos da ocupação colonial portuguesa. O que é alvo da decifração de Clara é o Brasil do início do século XXI. Unindo os dois retratos do país talvez haja apenas a mesma curiosidade (um tanto preocupada) pelo novo mundo e a intuição imprecisa de que estamos diante de um enigma

contraditório, lançado como ideia de potência do futuro dada a sua originalidade.

Não se poderia esperar que dessa incursão pelo tema da identidade nacional, inserida na economia interna de um enredo ficcional de uma autora portuguesa, resultasse um alentado ensaio sobre a brasilidade. Ocorre que a voz narrativa, na intenção de reconhecer o lugar de sua viagem, assume em uma série de digressões – que talvez seja efeito de uma “contaminação discursiva” advinda do contato com a retórica de Vieira – um tom de debate sobre o tema que acaba por se inscrever em um possível diálogo com teses a respeito desse assunto a que cabe fazer atenção. Os “retratos do Brasil” traçados por Clara transitam do estereótipo mais redutor à ponderação acadêmica mais complexa. A princípio o que se destaca na sua descrição judicativa do Brasil é a percepção, oriunda de um residual choque cultural (misto de atração e medo), do que seriam os contrastes entre a sua experiência cultural europeia – em geral referida de modo autocrítico – e os costumes nativos. Isso envolve a presunção de que não só hábitos, mas valores contrastantes separariam esses universos – havendo, na contrapartida disso também a inevitável atração pela diferença. Logo no início do livro, quando se descreve a chegada e a aclimação de Clara e Sebastião à terra visitada, há a descrição dos modos de um homem que, “brasileiramente”, fura a fila do aeroporto, esperando tratamento especial:

Amigo, começa a explicar-me que há um tipo baixinho, alourado, de óculos e nariz empinado, que tenta passar à frente da fila das pessoas que vão para Nova Iorque e que um latagão atrás dele o agarra pela lapela. Descreves a cena e eu começo a ouvir a voz agastada do homem que tentava passar à frente dos outros, uma voz de estopa que pergunta:

- Sabe quem eu sou? Sabe quem eu sou?
(PEDROSA, 2008, p. 16).

Na cena exemplificada, a discussão sobre os preconceitos de classe não é explicitada, mas sugerida. Clara, a partir do relato de Sebastião, parece não se alarmar com a cena, mas há a sinalização, um tanto complacente, de que “estamos

no Brasil”, onde algumas atitudes dessa natureza seriam esperadas. De fato, a pergunta feita pelo sujeito da fila (“sabe quem eu sou?”) faz pensar na conhecida análise de Roberto DaMatta sobre o que seria o comportamento típico de certa classe média brasileira no modo de se ver diante da lei e da autoridade, como se a posição social – indicada na suposição de que o interlocutor deveria “saber com quem está falando” – isentasse os membros dessa casta do que determina a norma, sendo essa um ônus a ser suportado apenas pelos “inferiores” (DAMATTA, 1997, p. 201-202).

Esse traço do caráter nacional é amplamente anotado pelos nossos melhores pensadores. No capítulo intitulado “O Homem Cordial” de *Raízes do Brasil*, publicado em 1936, Sérgio Buarque de Holanda cunhou a célebre visão da sociedade brasileira a partir do conceito articulador de “cordialidade”, entendida como uma ética de fundo afetivo que, segundo o texto, regula as trocas e os contratos sociais no Brasil. Nesse tipo de relação (seja no âmbito privado seja na vida pública) prevalece o afeto (no sentido de “preferência”) sobre a objetividade, induzindo, por vezes, ao favorecimento determinado por amizades (ou “conhecimentos”). Prevalece a conveniência sobre a necessidade o que, não raro, desagua na prática do “jeitinho”. O lado mais nefasto dessa ética reside no que ela acarretaria como deformidade na constituição do Estado. A lógica das preferências pessoais na prática da política induziria à indistinção entre público e privado. O espaço público é tornado extensão das coisas de família. A “confiança pessoal” é o fator que prevalece na composição dos quadros diretivos, o que abre portas para a corrupção (HOLANDA, 1999, p. 101-106).

O outro lado (aparentemente menos perverso) da cordialidade também é contemplado pela reflexão de Sérgio Buarque de Holanda, compondo os sinais exteriores dessa conduta, possíveis máscaras da sua intenção corrupta. A cordialidade singularizaria e definiria amplamente o modo de ser do povo brasileiro. São exemplos difusos de cordialidade “à brasileira” o desejo de se estabelecer vínculos pessoais e de se aproximar de chefias, sem o respeito excessivo à hierarquia;

o uso frequente do grau diminutivo na fala (sinal linguístico de afeto); o fato (muito brasileiro) de se chamar qualquer pessoa – mesmo desconhecida e não íntima – pelo prenome, a busca de afetividade e aproximação pessoal em qualquer situação da vida social, a religiosidade espontânea e de “intimidade” com a divindade etc. Em suma, em que pese seus inconvenientes, a cordialidade é um aspecto do caráter nacional que induziria a um convívio exteriormente ameno, pacífico e alegre, o que marcaria o todo da ideia brasileira de “identidade nacional” (HOLANDA, 1999, p. 106-112).

Em seu passeio cego por Salvador, Clara se depara com as faces dessa cordialidade, ora sorvendo-lhe o travo mais amargo, como é exemplificado pelo trecho que citamos antes, ora sentindo a excessiva doçura dos modos (e também dos valores) dos nativos. Na sequência abaixo, ao referir-se à “graça do Brasil e da Bahia”, a narradora projeta um olhar piedoso e conciliador na direção do que a realidade do convívio social na Bahia lhe informa. O resultado é uma flagrante idealização:

Estamos na varanda do Gabinete Português de Leitura, no centro da Praça da Piedade. Nesta praça foram esquartejados, em 1798, quatro negros mártires da revolta da Inconfidência Mineira. Um deles, Luís Gonzaga das Virgens, celebrou-se por ter respondido a pergunta: “O que é a liberdade?” da seguinte forma: “A liberdade é a doçura da vida.” É esse visceral entendimento da liberdade o que faz a graça e a garra do Brasil - e, em especial, da Bahia. (PEDROSA, 2008, p. 121).

Algo dessa graça e dessa “graça/garra” é observado pela narradora em passagens como a da entrada, junto com Sebastião, em uma das igrejas da cidade, em que os problemas sociais pressentidos, embora não sejam ignorados, são entendidos em uma estranha composição com a típica (ou estereotipada?) “*joie de vivre*” dos soteropolitanos pobres.

Dizes-me que temos de ir. Digo-te que já não tenho de ir a lado nenhum, Sebastião. Perguntas-me o que é que se passa, digo-te que depois falamos. E seguimos a excursão.

- Olha a fitinha do Senhor do Bonfim. Que cor você quer, querida?

- Não quero nada, não vejo as cores. Sou cega, largue-me.

- Não fala assim, doçura. Não fuja, não. Tadinha. Como você não vê a cor vou te dar branco, que é a cor da paz, do Senhor do Bonfim e de Oxalá. Três desejos, belezura, três desejos em silêncio, depressa. Pronto, querida. Quando a fitinha se romper seus desejos se tornam realidade. Deus lhe ajude. E o senhor, não compra um agrado pra sua amiga?

- Não temos tempo, estamos numa excursão, vamos entrar na igreja.

- Entra, meu bem, igreja bonita é aqui na Bahia mesmo. Depois, à saída, você vem me procurar, vem falar à Selma, eu não saio daqui.

[...]

- Entremos, entremos, Clara. Pensaste nos três desejos?

- Só tive tempo de pensar em dois. Também foste agarrado, Sebastião?

- Muito, mais do que tu. Quando dei por mim já tinha três fitas postas; duas no braço direito e uma no esquerdo. E cobraram-me bem. Também é verdade que uma das fiteiras estava gravidíssima, tive pena dela.

- Guaraná, *whisky*, água, champanhe, com e sem gás! Virge! Hoje acho que vou morrer de fome. Esses turista tão muito fraquinho (PEDROSA, 2008, p. 107-108).

Há, ainda, espaço, em sua intenção de “retrato do Brasil”, para a análise mais funda, aberta a controvérsias e ironias, como na descrição de um passeio guiado por paisagens da capital baiana em que se destaca, pelo que tem de caricatural, a figura do guia turístico Marcos, um tipo algo malandro, com uma fala empostada, carregada de justificativas para as evidentes imperfeições do que os turistas veem ao largo da beleza da cidade:

- Oi, gente, peço a atenção de vocês, por gentileza. O atraso do Brasil, minhas senhoras e meus senhores, considerado entre os países ditos subdesenvolvidos, se deve ao pouco tempo transcorrido desde o *terminus* da escravidão, no final do século XIX. E me perdoem, mas percebi que cês estavam seguindo pela janela aquilo a que chamavam favela. Ora, favela é um termo do Rio de Janeiro, porque os negros construíam suas casas nos morros, onde havia a árvore das favas, assim denominada de favela. Aqui esse termo não se aplica. Nesse interim, vos peço que observem esses edifícios de luxo, cujas traseiras dão acesso a praias privativas, às quais apenas os moradores, gente muito rica, pode aceder. Aqui tem os duros contrastes sociais existentes nessa nossa tão bela cidade.

Nos bancos do auto carro cada um tem a sua interpretação:

- A fragilidade do Brasil é essa. Olha-se para estes fantásticos condomínios fechados ou para os helicópteros particulares que sobrevoam a miséria de São Paulo e tem-se um tratado de sociologia política pronto. O Brasil é um verdadeiro paraíso para o fundamentalismo sociológico - diz um homem de meia-idade (PEDROSA, 2008, p. 32-33).

Há ironia na reprodução da fala artificial de um baiano pobre que animadamente - e munido de informações estudadas - discursa aos forasteiros sobre as "duras contradições sociais da cidade tão bela". Pressupõe-se a observação, por parte da visitante portuguesa - em que pese o encantamento como o que consegue captar do lugar - de que há nos brasileiros uma tendência a se fiar no fundamentalismo sociológico, que explica a miséria sem a solucionar.

Sem desconsiderar outras compreensões do País, o que se nota é que basicamente (embora não exclusivamente) são as visões do Padre Antônio Vieira, também ele um "pensador" do Brasil, as que mais interessam a Clara, não porque iluminem todas as questões relevantes do que a realidade atual do Brasil lhe mostra, mas porque - ao menos no modo como ela as quer ler - se atêm a aspectos gerais da construção da nação, acompanhada por ele de um prisma preocupado e empenhado, considerando a sua sempre apaixonada adesão aos interesses da coroa portuguesa, que tinha na colonização do Brasil - lugar onde ele passou grande parte da vida - um de seus sustentáculos.

2 Com Vieira no caminho: luz na escuridão

O pensamento de Vieira sobre o Brasil só pode ser entendido como expressão de sua posição de agente - com ascendência intelectual inconteste - dos interesses missionários e políticos da Companhia de Jesus em terras americanas. Mas sua imagem do País é também inevitavelmente uma derivação do confuso contexto do século XVII, no complexo da exploração do Brasil. Embora se pautem pela coerência conceitual - que Alcir Pécora atribui ao uso da forma sermão, eficiente em sua doutrinação sobre coisas terrenas, mas sempre atualizada "sacramentalmente" sob a égide dos seus pressupostos teológicos (PÉCORA,

2008) - sua pregação, seu estilo e suas assertivas são um tanto "híbridos" e repercutem de modo dilacerado uma confluência de coordenadas culturais diversas, que ele absorve e reprocessa a partir de sua inserção no contexto em que viveu.

A leitura que Clara faz disso, carregada de idealização, em muitos momentos atribui, de modo demasiado livre, ao papel desempenhado por Vieira no Brasil uma "modernidade" que não se confirma pelos melhores estudos sobre o autor. Exemplifiquemos: uma das incursões do livro de Inês Pedrosa na abordagem da atuação de Vieira nos anos em que viveu no País é feita pelo relato de Sebastião, reproduzindo informações que Clara lhe teria dito sobre a ação do pregador em favor dos índios. É sugerido por ela, de modo um tanto descontextualizado, que Vieira teria adiantado em três séculos uma suposta compreensão da igualdade entre os seres humanos, sendo a versão barroca de um multiculturalista. Sebastião ironiza sutilmente:

Fascina-te a perspicácia de Antônio Vieira, a forma como ele conseguiu encontrar nos índios este denominador comum da razão humana - embora não tenha assumido idêntica fraternidade para com os negros, condoia-se com as sevícias a que eram submetidos, comparava-as ao Calvário de Cristo, prometia-lhes o céu, mas não foi capaz de pregar pela sua libertação, apenas procurava persuadir os amos a que os tratassem com brandura. Desculpas o teu Padre com a ferocidade da época, o primarismo das técnicas e as necessidades do desenvolvimento econômico - e frisas que, ainda assim, ele conseguiu perceber em cada ser humano um feixe essencial de pensamento e afectos, atingindo, através da concepção de Deus, a sabedoria a que hoje nós chegamos através do estudo do ADN (PEDROSA, 2008, p. 54-55).

Que não se entenda que as liberdades interpretativas assumidas por Clara comprometem a integridade do projeto ficcional de *A Eternidade e o desejo*, que tem na intertextualidade ressignificadora empreendida por ela - e que talvez Inês Pedrosa não endossasse de todo -, um dos seus elementos criativos fundamentais. Com efeito, sabe-se que a protagonista do romance transita pelas palavras do padre e pelos dados históricos a respeito dele de modo a compor, em uma leitura afetiva, uma possível iluminação de suas questões pessoais. Mas não se deve deixar

de observar que alguns dos julgamentos dela sobre o pensamento vieiriano por vezes incorrem em reduções, eventualmente compensadas pela crítica “enciumada” de Sebastião.

O trecho citado se refere à confusa intromissão, via sermões, do padre em um assunto grave e complexo do período colonial cujas consequências – evidentemente ignoradas por ele à época – seriam sensíveis no todo da história do Brasil. E a posição de Vieira é muito clara e nada “multiculturalista”. Óbvio que isso deve ser entendido no complexo ideológico de seu tempo, sem *partis pris* contemporâneos que resultem em anacronismos. Ronaldo Vainfas, em *Antônio Vieira: jesuíta do rei*, nos informa que Vieira, na condição de padre pregador com voz política, de fato realizou alguns dos feitos a ele atribuídos no trecho citado do romance. Mas a ambiguidade com que abordou o assunto o levou a combater a escravidão indígena no Brasil agindo como um típico inaciano, preocupado com a conversão de todos os povos (presumindo que mesmo os gentios seriam passíveis de salvação) e a defender a escravidão negra agindo como um típico partidário dos sempre periclitantes interesses econômicos do Império Português. É, por exemplo, conhecida a sua intervenção em um episódio importante da questão escravista nesse tempo. Em carta às autoridades coloniais (datada de 1691) ele defende vigorosamente a invasão militar do quilombo dos Palmares, sem qualquer negociação com os escravos fugitivos, alegando que “Sendo rebelados e cativos, estão e perseveram em pecado contínuo e atual, de que não podem ser absoltos, nem receber a graça de Deus” (VIEIRA apud VINFAS, 2011, p. 279).²

A verdade é que, para Clara, a precisão histórica pouco importa. Há, no geral, a tendência a se re-tomar do perfil histórico de Vieira, em sua relação com o Brasil, alguns elementos que o elevem.

Quando ela se refere à escravidão negra – o que seria inevitável por estar na Bahia e manifestar a intenção de traçar, pela experiência do espaço, um retrato do País – esse fato é entendido como uma circunstância nefasta do projeto colonial e seus interesses econômicos. Não se contempla nesse julgamento a adesão de Vieira, isentado de qualquer ligação – mesmo que ideológica – com o assunto. Obviamente, a ficção construída no livro se sustenta na seleção de alguns dados sobre o religioso e, de todo modo, não seria lógico – sendo também um anacronismo empobrecedor – esperar que ele fosse “incriminado” pela escravidão apenas por que em sua obra a tenha defendido (o que, aliás, seria um erro até do ponto de vista da precisão histórica a que o romance, lembremos, não é obrigado). De resto, a doutrina católica da época, chancelada pela Santa Sé, era conivente com a escravidão, e os jesuítas a seguiam sem questionamentos, não sendo plausível da parte de um de seus membros mais destacados uma posição crítica isolada. O flagelo contra o qual a narradora se põe, como se vê nesse trecho, é descrito como uma construção da “colonização portuguesa”:

Quando se fala da doçura particular da colonização portuguesa, da miscigenação e da invenção do mulato e não sei que mais, esquece-se a realidade da escravatura: jornadas de trabalho de dezoito horas, ao sol, na agricultura, mutilações - os fugitivos e fugitivas eram punidos através do corte dos tendões -, os grilhões, as queimaduras com ferro em brasa no rosto, os açoites de chibata. Além de outros requintes, açaimes e máscaras de folha-de-flandres, extração de dentes a sangue-frio, corte de orelhas dos mais escutadores ou das línguas dos mais faladores. Desprezamos o sofrimento de milhares de pessoas que viveram neste Inferno, subjugadas pelos gloriosos civilizadores do Brasil, desprezamos-os tanto que até a instituição do abuso sexual das escravas pelos senhores brancos passa, ainda hoje, por benemérita criação de uma raça nova (PEDROSA, 2008, p. 92).

² No Sermão Da Rosa Mística, pregado em um engenho do Recôncavo Baiano em 1633 diante de uma inusitada plateia composta por membros de uma confraria de escravos, Vieira, supostamente a pedido dos proprietários rurais da região – incomodados e ameaçados com as frequentes fugas de escravos e com a formação de quilombos nos arredores –, tematiza o insólito caráter “elevado” da escravidão para os negros. Em um raciocínio insidioso, buscando acalmar o ânimo de possíveis futuros fugitivos, o autor afirma que os “etiopes” deveriam ser gratos a Deus por terem sido trazidos da África a fim de se “instruírem na fé”. A sua conversão – bem como a aceitação de sua condição – seria a garantia da salvação de suas almas, o que compensaria as dores do presente. O padre defende que a situação de escravos deve ser vista como motivo de exaltação já que eles repetem, nos flagelos que sofrem, os sofrimentos de Maria (a Rosa Mística, celebrada no dia da pregação, de quem eles seriam filhos) e a paixão de Cristo (VIEIRA, 1993, p. 455).

Emerge da forjada (ou providencial) separação – que para alguns estudiosos seria impossível – entre o discurso de Vieira e a dinâmica irrefreável dos interesses do projeto colonial, o desenho do autor como um português “diferente”, com uma visão dos problemas do país tão mais abrangente do que era usual em seu tempo que explica as perseguições sofridas por se contrapor, mesmo que pontualmente, aos rumos da pátria, embora a defendesse de modo passional. O trecho citado é um dos vários do livro em que se evidencia, da parte de Clara, uma rejeição a Portugal, fruto da percepção do atraso cultural e do obscurantismo reinantes em seu país.

A focalização de Portugal a partir de suas reflexões sobre Vieira ecoa, nos seus sentimentos e ressentimentos, antes uma compreensão auto-crítica contemporânea, esperada de uma portuguesa jovem, informada, destra no que aparenta ser um discurso típico de saberes humanísticos (afinal ela é professora universitária) do que uma análise do contexto próprio de António Vieira. Em seu valoroso ensaio *Portugal como Destino seguido de Mitologia da saudade*, Eduardo Lourenço, ao proceder um aprofundado painel reflexivo da identidade cultural portuguesa a partir das criações literárias, entende a grande importância de Vieira na sedimentação, por meio da sua pregação, de um espírito português exaltado e orgulhoso, alimentado pela remissão em sua obra aos mitos fundantes da “escolha divina” (definida no Milagre do Ourique), do Sebastianismo (esperança messiânica da restauração do Império, depois da sua *débâcle* iniciada na tragédia de Alcácer Quibir) e do Quinto Império (prefiguração de um profético tempo novo de glória para o mundo, tendo Portugal à frente). Em que pesem as perseguições sofridas – como o questionamento e o veto temporário vindos da Santa Inquisição –,

Vieira teria sido o mais inflamado nacionalista de sua época³ (LOURENÇO, 1999, p. 20-21).

Contudo, o modo de Clara ler a relação de António Vieira com Portugal é seletivo e motivado. Como acontece com a transcrição de outros fragmentos vieirianos, há na citação ao *Sermão de Santo Antônio* (de 1671) um reflexo indireto das opiniões dela mesma sobre Portugal e o que classifica como tacanho nos comportamentos típicos dos portugueses.⁴ Não se pode deixar de reparar, além de tudo, que nesse arduo sermão, ao tratar dos méritos do Santo de Lisboa (que não por acaso é seu homônimo, no qual aparentemente *ele* também busca uma projeção) o pregador exalta a sua contrariedade em face do que é típico nos valores portugueses. Provavelmente ele externa mágoas suas nesse trecho:

De tal modo há de luzir a vossa luz diante dos homens, que vejam eles as vossas boas obras, e glorifiquem a Deus. Isto é o que diz Cristo a Santo Antônio. E isto não o podia fazer um português, entre portugueses. A primeira coisa que se lhe encarrega nestas palavras, é que há de luzir a sua luz: *Sic luceat lux vestra: e luzir português entre portugueses, e muito menos luzir com a sua luz, é coisa muito dificultosa na nossa terra. [...] Sendo esta a condição natural de toda a terra, como grosseira enfim, rude e opaca, e nascida debaixo das trevas, Terra erat inanis, et vacua, et tenebrae erant superfaciem abyssi; nenhuma terra há contudo entre todas as do mundo, que mais se oponha à luz, que a Lusitânia* (PEDROSA, 2008, p. 83-84).

É preciso considerar o fato de essas imagens negativas do seu país serem construídas por Clara a par de considerações um tanto idealizadas sobre o Brasil, como se vê nesse perfil traçado de Sebastião, seu amigo, um típico português:

Às vezes cansa-me falar contigo, Sebastião, tens as ideias demasiado arrumadinhas, como numa vitrine, proibido tocar. Portugal está cheio de gente assim, parece um museu de frases

³ Segundo Eduardo Lourenço: Portugal não é para ele (Vieira) uma nação como outra qualquer. É uma nação literalmente eleita para anunciar e ilustrar o reino universal de Cristo, tal como ele e seus companheiros de missão o anunciam em terras da China e nas florestas da Amazônia. O destino singular de Portugal não se resume no facto de a sua presença e, com ela, a imagem de Cristo terem chegado aos quatro cantos da Terra. Esse é apenas um indicio exterior. Mesmo antes de se lançar na sua aventura descobridora e missionária, Portugal, para António Vieira, era já um povo messiânico. Um povo assim não pode perecer. As suas quedas - como a de Alcácer Quibir ou a da perda da independência - explicam-se por qualquer desvio do ideal de que é portador. Não há na cultura portuguesa discurso mais alucinatório e sublime que o de António Vieira. É a síntese arrebatada mas simbolicamente coerente, de cinco séculos de vida colectiva vividos com a convicção arraigada - mas também culturalmente cultivada - de que a própria existência de Portugal é da ordem não só do milagre, como da profecia. Pela sua pública fidelidade crística, Portugal profetiza (LOURENÇO, 1999, p. 20-21).

⁴ É uma citação direta de parte de um sermão de Vieira que, como outras presentes no romance, aparece destacada graficamente em negrito, para se diferenciar do que é narrado por Clara.

consensuais pronunciadas por gente de olhar escorregadio. Porque será assim inclinado o olhar dos portugueses? Vício de guerreiros, ardil de resistência aos cercos, excesso da imaginação? Tu que ainda tens olhos, Sebastião, repararas que os brasileiros, em geral, te olham nos olhos quando falam contigo. Esse olhar franco poupa muitas palavras, para o melhor e para o pior. Existe uma empatia imediata, que até da antipatia faz uma questão de lealdade. António Vieira olhava assim, com uma frontalidade bruta, de precipício. Olhava para o futuro e não tremia, lançava o pensamento sobre as muralhas do mundo, fixado no azul do céu. Era um pensamento irrequieto, incessante, incontrolável, o seu (PEDROSA, 2008, p. 27).

É possível que, com os dados históricos disponíveis, jamais se confirme que o modo de Vieira "olhar" seus interlocutores fosse "franco" como ela afirma ser o dos brasileiros. Seja ela impulsionada por suposições, desejos ou por pura ingenuidade, a sua ficcionalização não só da obra, mas do ser pessoal do autor – com o detalhismo de seus imaginados traços físicos – busca, no limite, se reportar à paixão de Vieira pelo Brasil, que seria a senha – ou a indicação da senda – da paixão de Clara pelo país por onde passeia e ao qual se dá. É oportuno voltarmos à leitura que Eduardo Lourenço faz da obra e das ideias do padre, destacando a princípio a sua tematização do Quinto Império para, ao fim, sugerir que essa miragem profética – radicada em uma utopia política surgida em um tempo de crise – envolvia os seus afetos e julgamentos sobre o Brasil:

Mas porventura o mais original, nesta versão de um Quinto e último império sob a égide de Cristo, foi o facto de António Vieira ter imaginado que a sua prova, e igualmente o seu centro mítico, não seria tanto o abatido Portugal como o Portugal restaurado, para quem o jovem Brasil era já a antecipada certeza de perenidade e grandeza. Atentou-se pouco, tomando-a como interessado desvario, que o Norte do Brasil fora a terra missionária de eleição de António Vieira, nesta translação do sonho imperial português do oriente para o Brasil [...]. Durante mais de dois séculos, Portugal – e ainda mais os portugueses do Brasil e os já brasileiros – inventa o Brasil e o Brasil assegura a Portugal, por vezes em sentido literal, a sua sobrevivência (LOURENÇO, 1999, p. 22-23).

O final dessa citação, na referência à dialética presente nas relações de Portugal com o Brasil, baseada no ato de "inventar" um país que depois

garantirá a "sobrevivência" do que o inventou (fato que teria sido testemunhado e incorporado afetivamente por António Vieira) faz par com uma reflexão de Clara a respeito da relação entre os dois países: "será que criamos de facto o Brasil, Sebastião, ou deixamo-nos criar por ele?" (PEDROSA, 2008, p. 60). A possível criação de Portugal pelo Brasil é – se for – matéria para a reflexão de historiadores e antropólogos dos dois países, e nos faltariam recursos para tal debate. Mas podemos cogitar que a constituição existencial de Clara em face do que vive e julga no transcurso de sua viagem é obra de sua experiência do Brasil, ou do que lhe mostra do Brasil o olhar de António Vieira. Nesse sentido, a viagem consoma o seu deixar-se "criar" pelo Brasil a partir do que "lê" nessa terra.

Considerações finais

Há um dado relativo às circunstâncias de escrita do romance aqui analisado que, sem ser decisivo para o entendimento dos seus sentidos, revela o apego de Inês Pedrosa ao Brasil, seus temas, sua gente, sua cultura, presente em muitas partes de sua obra ficcional. *A Eternidade e O Desejo*, de 2007 (publicado no Brasil em 2008, sendo essa a edição que usamos na pesquisa) faz par com outro livro da autora, escrito à mesma época, mas situado em um outro contexto de recepção. Quase junto com *A Eternidade e O Desejo*, foi publicado em Portugal o livro *No coração do Brasil - Seis cartas de viagem ao Padre António Vieira*, relato da viagem feita por Inês Pedrosa ao Nordeste brasileiro em 2007. Organizada pelo Centro Nacional de Cultura (CNC), a viagem tinha por objetivo seguir os passos do Padre Vieira, propondo-se a mostrar, em uma abordagem histórica, os caminhos do pregador jesuíta em terras brasileiras, entendendo a possível relação de sua trajetória com alguns temas e contextos de sua pregação presentes em seus sermões. Além do texto de Inês Pedrosa, o livro conta com ilustrações de João Queiroz.

A escrita de matiz poético de *No coração do Brasil* se pretende como o relato subjetivo de uma viagem real, revelando-se como a possível

"inspiração" de base da ficção desenvolvida em *A Eternidade e o desejo*. Evidencia-se também, por parte da autora, a intenção de um mergulho fundo no universo da criação vieiriana, com a busca por assumir um diálogo vivo, "homenageoso" e criativo com ela. Juntando a leitura das letras do autor barroco à experiência de estar nos espaços percorridos por ele, o livro de viagem seria, em certo sentido, um "estudo do meio", que possibilitou ou ensinou a proposta ficcional que se dá a ver no romance.

Em sintonia com a situação concreta da viagem feita pela autora e que resultou em *No coração do Brasil*, o plot ficcional de *A Eternidade e o desejo* é também centrado no relato de um trajeto percorrido tanto por palavras como por espaços. Não se deve ter a expectativa de que as análises sobre o Brasil feitas no romance, objeto de nossa análise, cheguem a um grau de complexidade compatível com o que fosse feito talvez por um estudiosa da sociedade brasileira. A rigor, a própria incapacidade de aprofundar as análises é estetizada na atribuição dessa difícil tarefa ao pensamento de António Vieira – refletido por ela. Também ele foi um estrangeiro encantado e curioso pelo Brasil.

Ademais, a viagem rumo a esses entendimentos, seja a de Clara, seja a de qualquer um que se embrenhe pelos espaços do Brasil e seus problemas a fim de entendê-los, dificilmente poderia ter um ponto de chegada ou uma conclusão que decifrasse a esfinge. O empenho da viagem, com as dúvidas, alegrias e aflições que proporciona, sempre pedirá retornos.

O transcurso de Clara pelas contradições de suas memórias, de seus afetos e de suas formas de se posicionar em face dos problemas do mundo e de si mesma – estando sempre sob o signo da cegueira e ao mesmo tempo iluminada pelo que lê – é o centro da viagem feita e de sua interação com o espaço visitado guiada pelas palavras também complexamente contraditórias de Vieira e seu fascínio pelo Brasil, terra pela qual, assim como acontece com Clara, de certo modo ele também se deixou criar.

Referências

- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras: 1999.
- LOURENÇO, Eduardo. *Portugal como Destino seguido de Mitologia da Saudade*. 2. ed. Lisboa: Gradiva, 1999.
- PÉCORA, Alcir. *Teatro do Sacramento*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp/EDUSP, 2008.
- PEDROSA, Inês. *A Eternidade e O Desejo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- PEDROSA, Inês. *No coração do Brasil - Seis Cartas de Viagem ao Padre António Vieira*. Lisboa: Edições Don Quixote, 2016.
- PEDROSA, Inês. *António Vieira, o Jesuíta do Rei*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- VIEIRA, António. *Sermões*. Cinco volumes. Porto: Lello e Irmão, 1993.

Marcelo Franz

Doutor em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP), em São Paulo, SP, Brasil; professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), em Curitiba, PR, Brasil.

Endereço para correspondência

Marcelo Franz
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Av. Sete de Setembro, 3165
Rebouças, 80230901
Curitiba, PR, Brasil